

O virtuosismo de
Axel Brando no
Sesc Nova Iguaçu

PÁGINA 2



Uma nova leva
de HQs para os
leitores brasileiros

PÁGINA 7



O olhar de Andréa
Brêtas sobre as
mulheres africanas

PÁGINA 15



2° CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Deixa a moça sambar

Enlaçada ao samba desde 2003,
Maria Rita celebra aniversário
com mais uma edição do
'Samba da Maria' no Vivo Rio



Divulgação

artista do país até hoje a vencer um troféu nesta categoria.

Mas em 2007, a cantora se entregou completamente ao samba com o álbum "Samba Meu". O trabalho conquistou muitos prêmios, incluindo o Grammy Latino na categoria Melhor Álbum de Samba/Pagode.

"Quando eu morava fora do Brasil, cursei Comunicação Social e Estudos Latino-americanos e entrei nesse universo da América Latina. Vi santeria, o candomblé de Cuba, essa questão da religiosidade de matriz africana com uma força muito grande. Isso foi chegando com mais força para mim, inclusive através da música e muito fortemente através do samba. O samba tem o batuque, tem a ancestralidade. Tenho sido recebida pelo samba com tanto amor, com tanta parceria, com tanto aconchego", disse a cantora em entrevista ao jornal O Tempo no ano passado.

De lá para cá, depois de oito trabalhos de estúdio e cinco DVDs – vários deles, de platina – recebeu outros quatro gramofones da prestigiosa premiação, o mais recente em 2018, o de Melhor Álbum de Samba, com "Amor e Música", além de acumular uma vasta coleção de prêmios em outras cerimônias, como o Multishow, TIM, APCA, entre outros.

SERVIÇO

MARIA RITA - SAMBA DA MARIA

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo) | 9/9, às 21h
Ingressos entre R\$ 70 e R\$ 280

Por Affonso Nunes

Maria Rita, uma das cantoras mais populares do Brasil, completa 43 anos neste sábado (9) e decidiu comemorar junto aos fãs fazendo o que mais gosta: cantar sambas. E a festa tem hora pra começar: 21h no palco do Vivo Rio. Depois, é só alegria.

Desde que lançou o álbum "Samba Meu", em 2003, Maria Rita

transita com imensa desenvoltura no universo do samba e hoje está consolidada como uma das grandes artistas do gênero. A partir desta ligação afetiva, a cantora criou o "Samba da Maria", projeto que vem percorrendo diversas cidades do Brasil e do mundo desde 2015.

O repertório traz sucessos de sua discografia, como "Tá Perdoadado", "Maltratar Não é Direito" e "Num Corpo Só", além de clássicos imortalizados nas vozes de grandes nomes da música brasileira, como Beth Carvalho

("Vou Festejar"), Jorge Aragão ("Coisa de Pele", "Lucidez"), Clara Nunes ("Juízo Final"), Gonzaguinha ("É", "O Homem Falou"), Elis Regina ("O Bêbado e a Equilibrista") e Arlindo Cruz ("O Meu Lugar"), entre outros.

Uma das maiores e mais premiadas vozes da música brasileira, Maria Rita começou a cantar profissionalmente aos 24 anos depois de um período de estudo em Nova York (EUA). Ela resolveu voltar para o Brasil e se dedicar ao mesmo ofício de seus pais, a genial cantora

Elis Regina (1945-1982) e do pianista e arranjador César Camargo Mariano. Seu primeiro álbum, "Maria Rita" (2003), com 13 canções, trouxe ritmos brasileiros integrados a influências do jazz e do hip hop, do tempo que morou nos EUA. E a semelhança entre timbre e o da mãe abriu-lhe as portas do sucesso, vendendo um milhão de cópias do disco, que rendeu a ela três Grammy Latino, nas categorias Melhor Álbum de MPB, Melhor Canção em Português ("A festa") e de Revelação do Ano - a única

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Joana Gatis em cena de 'Noites Alienígenas'

Seis filmes brasileiros ainda sonham com o Oscar 2024

A Academia Brasileira de Cinema e Artes Audiovisuais anunciou a lista com os seis longas-metragens pré-selecionados para concorrer a uma vaga na categoria de Melhor Filme Internacional na 96ª edição do Oscar.

Os títulos são: "Estranho Caminho", de Guto Parente, "Noites Alienígenas", de Sergio de Carvalho, "Nosso

Sonho - A história de Claudinho e Buchecha", de Eduardo Albergaria, "Pedágio", de Carolina Markowicz, "Retratos Fantomas", de Kleber Mendonça Filho e "Urubus", de Cláudio Borrelli.

Ao todo, foram 28 longas inscritos e habilitados a concorrer à vaga e a eleição será realizada em dois turnos na próxima terça-feira (12).

Sem sentido

Homenageada no "Som Brasil" (Globo), Sandy explicou a razão do fim da dupla com o irmão Junior. "Começamos a sentir a pressão da gravadora para que continuássemos a fazer o que sempre fizemos e vimos que a dupla já não fazia mais sentido".

Arte das ruas

A galeria de arte Gentil Carioca completa 20 anos de atividade. Para marcar a data, neste sábado (9), às 19h, será inaugurada a grande exposição coletiva "Forrobo-dó", que celebra o potencial político, poético, estético e erótico das ruas.

Lavagem em Paris

Neste ano, a 22ª edição do Lavagem da Madeleine, festival cultural que acontece em Paris e celebra as tradições afro-brasileiras, terá Carlinhos Brown como principal atração. O músico vai puxar o desfile de cima de um trio elétrico.

Madrugada não!

A jornalista Elaine Bast, que trabalhou na Globo por mais de duas décadas, deixou a CNN Brasil após ficar apenas cinco meses no canal de notícias por assinatura. "Eu não me adaptei ao horário. Não consigo trabalhar de madrugada", alegou Elaine.

Violonista, e multi-instrumentista, Axel Brendo é um ícone da nova geração da música erudita brasileira, e apresenta o seu show solo inédito "Lobos no Palco". Interpretando clássicos de Heitor Villa-Lobos, o músico traz para as unidades do Sesc do Rio de Janeiro, uma performance segura, que no passado era apenas uma brincadeira de criança, quando ele com apenas 6 anos de idade já demonstrava um talento notável tocando Villa-Lobos. O show acontece na unidade do Sesc Nova Iguaçu neste sábado (9) com entrada a preço popular.

Cearense, nascido e criado dentro de uma família de músicos de Fortaleza, da periferia da cidade, Axel furou barreiras, atravessou capitais, e hoje é uma referência Preta dentro do universo da música clássica erudita e da nova geração brasileira, apesar de no início ter que estudar escondido da família.

"Meu pai e minha mãe não queriam que eu fosse músico, nossa família sempre foi bem humilde, e não via na música uma possibilidade de crescimento pessoal e profissional, mas hoje eu e todos os meus irmãos e irmãs estamos vivendo de música, cada um numa cidade", conta Axel, emocionado ao lembrar dessa trajetória.

Cobiçado por grandes artistas da música brasileira, como Ivette Sangalo, Alcione e Dudu Nobre, o violonista Axel Brendo iniciou em agosto a circulação do show solo inédito "Lobos no Palco", e agora chega na unidade do Sesc Nova Iguaçu, com entrada gratuita. Jovem, negro, oriundo da periferia, Axel é hoje um símbolo da nova geração da música clássica.

O idealizador do projeto, o produtor artístico Diogo Cardoso, afirma: "Não foi sorte mesmo! Há um processo natural acontecendo no Brasil, de reconhecimento da nossa cultura, das nossas origens, das nossas diferenças, e é na cultura que a gente reflete e se aproxima. Poder produzir o Axel é muito mais forte e potente do que qualquer projeto de milhões que eu já produzi, o valor desse trabalho aqui é outro, é o do encontro, o da par-



Axel Brando: 'Meu pai e minha mãe não queriam que eu fosse músico. Nossa família não via na música uma possibilidade de crescimento pessoal e profissional'

Uma joia sonora chamada Axel Brando

Violonista cearense cobiçado por grandes nomes da MPB mostra seu virtuosismo no Sesc Nova Iguaçu neste sábado

ceria, de poder criar espaços para serem ocupados por artistas dessa categoria que eu considero o Axel, um gênio da música".

Iniciado por Seu Galdino, avô de Axel, e administrado por seus filhos, o projeto social Acordes Mágicos forma milhares de crianças, com um trabalho ímpar de ensino musical. Reconhecido por Luciano Huck, a Família Cruz foi contemplada em 2016, com a reforma da escola de música no quadro "Um por Todos e todos por um", e emo-

cionou o Brasil, gerando também uma divulgação ampla do trabalho realizado dentro da comunidade do Mondubim, na região periférica de Fortaleza.

SERVIÇO

AXEL BRANDO - LOBOS NO PALCO

Sesc Nova Iguaçu (Rua Dom Adriano Hipólito, 10 - Moquetá)

9/9, às 20h

Ingressos: R\$ 10 e R\$ 5 (meia)

Celebração a Gil e Milton

Pianista e cantora Délia Fischer toca repertório de gênios da MPB no Manouche

A compositora, cantora, pianista e diretora musical carioca Délia Fischer é outra artista vai soprar velas de aniversário no Manouche nesta sexta-feira (8) apresentado o show “Gil, Milton e Eu”, com participação do baixista e cantor Matias Correa.

Neste show, em que une a sua expertise da música erudita ao seu gosto pela MPB e pelo pop, Délia homenageia os dois ícones da MPB, Gilberto Gil e Milton Nascimento, entremeando os sucessos deles com suas canções autorais próprias, gravadas em seus álbuns

“Presente” (Dubas), “Tempo Mínimo”, indicado ao Grammy Latino de Melhor Álbum da MPB de 2019, “Hoje” (ambos do selo Labidada) e “Andar com Gil” (Jasmin Music) lançado no ano passado junto com o cantor e multi-instrumentista Ricardo Bacelar.

Com trajetória iniciada em 1988 com o Duo Fênix, Délia participou de festivais como Montreux Jazz, o Sofia Jazz Festival na Bulgária, e no New Morning em Paris. Nas décadas de 1990 e 2000 trilhou os caminhos na música instrumental ao lado de grandes nomes da música



Dylan Perantoni/Divulgação

Délia Fischer se apresentará em duo com baixo

ca popular. A partir de 2007 tem seu nome reconhecido como diretora musical de produções premiadas, como “Elis – A Musical” e “Chacrinha – O Musical”, entre outros espetáculos e shows.

Com o marido, Matias Correa, que, além do baixo, faz percussão com a voz e muita coisa com programação eletrônica, vai apresentar um repertório essencial com músicas como “Clube da Esquina nº 2”, “Cais”, “Encontros e Despedidas”, “Oriente”, “Se Eu Quiser Falar Com Deus”, “Andar Com Fé” e “Palco”.

SERVIÇO

DÉLIA FISCHER - GIL, MILTON E EU

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, subsolo da Casa Camolese)

8/9, às 21h

Ingressos: R\$ 130 e R\$ 65 (ingresso solidário, levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Marina Andrade/Divulgação



OSB na Lapa

Neste sábado e domingo (9 e 10), a Orquestra Sinfônica Brasileira apresentará na Sala Cecília Meireles um concerto com obras que atravessam três séculos de música, com um repertório que passa pelo brasileiro Hekel Tavares, além de Mozart e concluindo com Schubert. O maestro e violinista Emmanuele Baldini assumirá a regência e atuará como solista. No domingo, o concerto terá caráter didático, com preços populares (R\$ 10).

Divulgação



Recital no jardim

O “Concertos de Eva – série Música no Museu” apresenta neste sábado (8), às 17h, recital da pianista Marina Spoladore, nos jardins da Casa Museu Eva Klabin, na Lagoa. Atuante como solista, recitalista e camerista, Marina conquistou mais de 30 prêmios em concursos nacionais e latino-americanos. A pianista é frequentemente convidada para se apresentar nas mais importantes salas de concerto do país.

Divulgação



Ode ao sagrado

Devido ao sucesso em sua apresentação em abril, o Duo Rosa Amarela retorna ao Teatro Rival com o show “Odara” nesta sexta-feira (8), às 19h30. O espetáculo é um passeio cultural entre “o sagrado e o profano”, com melodias e notas do repertório autoral de Pris Mariano e Rodrigo Di Castro que trazem à tona a cultura de terreiro, tendo como influência rezas cantadas, aliadas à Música Popular Brasileira.

Divulgação



Minas em Copa

Dizem que Minas é brilhante na política, no pão de queijo, no queijo Minas, nos causos, nas histórias e na música. Chegam a falar que é um jeito mineiro de fazer música. E uma turma que representa muito bem essa deliciosa sonoridade, assim como o lendário Clube da Esquina e tantos outros talentos, é o grupo Cambada Mineira, que apresenta o show Mineirês nesta sexta-feira (8), às 20h, no Teatro Brigitte Blair.

Fim de semana pra bailar

Divulgação



A Tocaia nasceu do encontro de Bela Ciavatta, Mari Jasca, Paloma Ronai e Renata Neves

Neste fim de semana prolongado o Circo Voador promove dois bailes extremamente dançantes e com muito suingue, Na sexta (8) a atração é o Bixiga 70 que retorna à cidade com um compilado para tirar todo mundo do lugar com seus principais sucessos, além de novidades do seu quinto álbum, “Vapor”. A noite será aberta pela Zé Bigode Orquestra, que entrega um bailão de respeito com seu groove irresistível que mistura reggae e ritmos jamaicanos. E no sábado (9) tem o Baile da Tocaia com abertura de Negadeza.

Tendo tocado nos cinco continentes e nos principais festivais do Brasil e do Mundo, o Bixiga 70 traz na bagagem um entrosamento afiado e shows absurdamente dançantes que tornaram-se marca registrada do grupo. Seu repertório é uma grande fusão de estilos urbanos que se mesclam na típica antropofagia brasileira.

A banda vem com uma nova formação: Amanda Teles (percussão), Cris Scabello (guitarra), Cuca Ferreira (sax barítono), Daniel Nogueira (sax tenor), Daniel Verano (trompete), Douglas Antunes (trombone), Marcelo Dworecki (baixo), Pedro Regada (teclados),

Valentina Facury (percussão) e a participação especial de Gabriel Bruce, baterista mineiro de destaque na cena instrumental de Belo Horizonte.

Já A Tocaia nasceu do encontro de Bela Ciavatta, Mari Jasca, Paloma Ronai e Renata Neves, quatro

mulheres de múltiplas linguagens e vivências artísticas que se juntaram e misturam nesse projeto seus diferentes olhares.

Com repertório diverso, a banda passa por clássicos do Forró Pé de Serra, cria releituras de sucessos atuais, como a música “Despechá”

da cantora Rosália, e ainda inclui repertório autoral das integrantes do grupo. O jeito alegre e a qualidade musical da Tocaia vem chamando atenção nas redes sociais, onde já somam mais de 4 milhões de visualizações, e arrastando multidões por onde tocam.

visualizações, e arrastando multidões por onde tocam.

Pra completar essa noite feminina, Negadeza começa os trabalhos. Descende de duas artistas gigantes, Selma do Coco e Aurinha do Coco, sua avó e mãe, respectivamente, é uma dos principais nomes do pandeiro nacional. Neste novo pouso na lona voadora, Nega mostra seu primeiro álbum solo, “Passareio”, em que mistura influência regionais de coco, cavalo marinho, samba da lata-da a sons contemporâneos, eruditos, orgânicos e eletrônicos.

SERVIÇO

8/9: BIXIGA 70 + ZÉ BIGODE ORQUESTRA

9/9: A TOCAIA

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)

Abertura dos portões: 21h

Ingressos entre R\$ 40 e R\$ 140

CRÍTICA / DISCO / WILSON BATISTA - EU SOU ASSIM

Um álbum de referência para a música brasileira

Por Aquiles Rique Reis*

Eita, que eu hoje venho aqui para falar sobre um álbum duplo singular. Trata-se de mais um oportuno lançamento do selo SESC SP, Wilson Baptista – Eu Sou Assim.

Tá um comentário gostoso de escrever. Mas não será fácil descrever tudo o que há de bom neste registro, que, graças ao competente trabalho do pesquisador e músico Rodrigo Alzuguir, idealizador do projeto, agora vem à luz.

Primeiro, porque se trata de um trabalho de referência histórica, sobre um dos maiores sambistas brasileiros de todos os tempos. Segundo, porque ele vem a público, seja ele formado por amantes da música brasileira, colecionadores ou pesquisadores, num formato digno do objetivo almejado para o álbum: conteúdo disco-

gráfico, material gráfico e textual de alta qualidade. Terceiro, pela seleção de intérpretes reunidos em torno da obra de Wilson Baptista – quanta beleza e carinho revelados em cada faixa, meu Deus! E quarto, resgata a voz (!) do próprio Wilson Baptista, segundo o release recuperada de registros caseiros feitos por ele, num gravador de rolo e numa fita demo, para um LP da cantora Telma Soares, lá pelo meio da década de 1960, que acabou não sendo lançado.

Divididos em dois CDs, lá estão sambas porretas, inclusive sete inéditos, renovados por ótimos arranjos e cantados por Alexandre Rosa Moreno, Ana Bacalhau, Áu-



Divulgação

rea Martins, Ayrton Montarroyos, Beatriz Rabello, Cristina Buarque, Dori Caymmi, Filó Machado, Ilessi, João Bosco, Joyce Moreno, Larissa Luz, Lívia Netrovski, Maíra Freitas, Marcos Sacramento, Mônica Salmaso, Moyses Marques, Nei Lopes, Ney Matogrosso e Pre-

tinho da Serrinha – todos admiradores da arte de Wilson Baptista.

E a magia rola ainda mais graças à competência de nove arranjadores e de dezenas de instrumentistas que, juntos, criaram a atmosfera que permitiu que a “deslumbrância” da obra de Wilson aflorasse.

Apesar de “babar” de encantamento com as trinta faixas dos CDs, escolhi algumas para realçar. A definitiva “Meu Mundo É Hoje – Eu Sou Assim” (WB e José Baptista) e a genial “Nega Luzia”, de WB e Jorge de Castro (<https://youtu.be/sIliHs-N5vY8>), ambas cantadas por Wilson Baptista; “Sem Cuíca

Não Há Samba”, de WB e João Antônio Peixoto (<https://youtu.be/-dpEiYv7xE0?si=6Gc4DBx-dDhxor4MG>), na bela voz de Ilessi; “Amor Que Maltrata” (WB e Jorge de Castro), que interpretação a do Ayrton Montarroyos!; “Meus Vinte Anos”, de WB e Sílvio Caldas (<https://youtu.be/2rUQkdY0bg8?si=SBPqvl-zpu2wkueN8>), bela a voz do Dori Caymmi; “Sou Um Barco” (WB e Alberto Rego), na voz da insuperável Áurea Martins; “Boato de Felicidade” (Antonio Rago), bem cantada pela Lívia Netrovski; e “Fui Olhar Nos Teus Olhos” (WB e Francisco Malfitano), sob responsa do Marcos Sacramento.

E que esse flamenguista, nascido em Campos dos Goitacazes, em 1931, e falecido aos 55 anos, no Rio de Janeiro, sempre viva! Viva, Wilson Baptista!

*Vocalista do MPB4 e escritor

CINE SESC

DIÁLOGOS AFRO-ATLÂNTICOS

A mostra apresenta cinematografias contemporâneas produzidas na África e em sua diáspora brasileira, proporcionando o contato do público com as estéticas e as narrativas de povos cujo denominador comum é a ancestralidade africana.

DE 1º A 30 DE SETEMBRO



MEDIDA PROVISÓRIA

Direção de Lázaro Ramos. Brasil. 2022. 102 min. Ficção. 14 anos.

Em um futuro próximo, distópico, no Brasil, um governo autoritário ordena todos os cidadãos da África a voltarem para o continente - criando caos, protestos e um movimento de resistência que inspira a nação.



HIEINAS

Direção de Djibril Diop Mambéty. Senegal. 1992. 110 min. Ficção. 14 anos.

Uma rica mulher retorna à sua pobre cidade natal para propor um acordo à população: sua fortuna em troca da morte do homem que anos antes a abandonou e a deixou com seu filho.



DES-IGUALDADE

Direção de André Corrêa. Brasil. 2022. 51 min. Ficção. Livre.

Julio, um menino negro, de classe baixa, começa a estudar em um dos melhores colégios particulares da cidade. Mas ele logo se depara com a desigualdade social escancarada e começa a sentir dificuldades.



BANDONEANDO - A BUSCA PELOS BANDONEONISTAS NEGROS DA CAMPANHA GAÚCHA

Direção de Diego Muller. Brasil. 2021. 105 min. Documentário. Livre.

O documentário resgata a importante contribuição de músicos negros para o desenvolvimento do bandoneon na cultura brasileira.



YAABA

Direção de Idrissa Ouédraogo. Burkina Faso. 1989. 90 min. Ficção. 14 anos.

Um menino faz amizade com Sana, uma idosa que ele carinhosamente apelidou de Yaaba, que significa avó. Quando sua prima fica doente, ele recorre a Sana, a quem todos chamam de Bruxa, para salvar a menina.

Entrada gratuita.

Consulte a Unidade Sesc mais próxima e participe das sessões.

sesc



Acesse o QR Code e confira a programação completa das unidades.

Paulo-Roberto Andel

O silêncio do hall

Meu caminho é inesperado. Já disse outras vezes que me tornei Fluminense por causa do nome, da palavra, ao contrário de muitos que se encantaram pelo escudo e pelas cores. Sempre preferi os dias nublados do mar de Copacabana - e muitas vezes ansiei pelo gris, a chuva, a silenciosa porta do Atlântico repleta de silêncios e reflexões.

Quando todo mundo foi estudar Direito, Engenharia, Economia ou Informática eu escolhi Estatística, que ninguém sabia o que era e até hoje a maioria não tem a menor ideia - gente diplomada mas severamente ignorante acredita ser chute, teu Deus!

Eu gostava de ficar no hall da faculdade. Muitas vezes e muitas vezes, desde o meu primeiro dia de matrícula, quando fiquei em silêncio aguardando minha vez. Na primeira matrícula numa tarde nublada e de pouca luz. Foi um exercício que se repetiu muitas vezes. Sem falsa modéstia, meu carisma reuniu dezenas de pessoas naquele lugar muitas e muitas vezes, de onde saíram amizades, casamentos, separações, sociedades, traições, desentendimentos, lágrimas, abraços, beijos, gritos de gol e, porque não dizer, livros. Livros.

Lembrei das garotas me adoravam também porque eu era muito divertido e criativo - as mulheres adoram isso - e, onde há garotas, há sujeitos pelos mais variados motivos. Meus amigos bichas também me adoravam - adoram até hoje e isso é recíproco - e posso chamá-los de bichas à vontade porque assim eles querem - não somente pelo meu carisma mas também porque sempre os tratei com respeito e dignidade num ambiente arriscado a machismo e homofobia. Enfim, fiz muitos colegas e a maioria se perdeu, mas ainda tenho alguns para recontar as histórias.

Era um outro tempo muito difícil de minha vida, então era

bom ter os colegas em volta. Eu precisava de convívio humano ali e foi muito bom, mas em muitas ocasiões ficava sozinho com meu caderno e prancheta laranja de acrílico. Espiava o ir e vir das gentes, as garotas, os funcionários, os desconhecidos subindo e descendo as rampas, gente indo e vindo como se estivessem participando de um grande filme cheio de cenas, a começar pelo primeiro dia em que cheguei ali, sonhando em estudar, conseguir um emprego e sair da miséria, ter uma casinha. Às vezes ficava uma hora em silêncio até que surgisse alguém, às vezes mais. Um silêncio tão poderoso e pacífico quanto o que vivo neste momento, numa manhã de sábado chuvosa no coração do Rio de Janeiro, sem lenço e sem documento, enquanto alguém que me desconhece poderá entender exatamente o contrário do que eu quis escrever aqui.

Nem tudo é reflexão e seriedade. Há também o jocoso e o ridículo, também recíproco e capaz de também fazer pensar. Nós, calouros, respeitávamos os veteranos. Eles pareciam respeitáveis, mesmo vestidos duvidosamente. Certa vez era bem cedo e um deles foi ao banheiro ao lado do hall silencioso. Não saiu. Algum tempo depois, precisei também por causa do pipi. Entrando, fui ao primeiro box. Do segundo, saíram urros e gemidos sugerindo um orgasmo. Tive vontade de rir, eu tinha vinte anos. O sexo abobalha. Contudo, o fedor do banheiro não sugeria tesão nem a presença de um casal ali. Saí, lavei minhas mãos e voltei para o hall deserto, em dia tão nublado como hoje. Meia hora depois, chegou o Bolinha. Subitamente o veterano saiu do banheiro de maneira impecável, sem acompanhante rumo à sala de aula. Conteí o ocorrido e nós dois rimos a valer. Parecia orgasmo, mas era dor de barriga.

Celebrações em torno do livro

Por Olga de Mello
Especial para o Correio da Manhã

A Bial do Livro acontece no Riocentro, e há que se espante com a ausência de leitores contumazes da feira. Nem todo mundo se anima a enfrentar o trânsito e a distância considerável entre o Riocentro e o restante do planeta para ouvir multidões de pré-adolescentes gritando por seus autores favoritos. A Bial é uma festa para acostumar o visitante à presença do livro no cotidiano, tietando escritores, com o entusiasmo de uma celebração carioca.

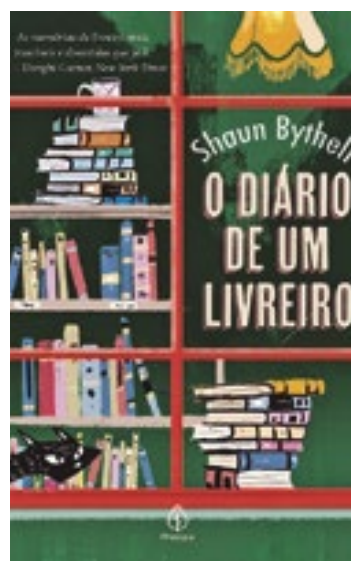
Quem tem na leitura sua principal forma de lazer/escapismo/oxigenação de ideias mantém convivência rotineira com os livros. Mas a Bial é importante para a formação de leitores como o advogado paulistano Pedro Pacífico, que credita à leitura um papel crucial na construção de sua identidade, como conta em *Trinta Segundos Sem Pensar no Medo - Memórias de um Leitor* (Intrínseca, R\$ 49,90). Pedro se fez leitor sem influências externas. Os pais não liam, as avós, sim. Na infância, aconteceu o encontro com as aventuras de Harry Potter. Nunca mais parou de ler e tornou-se um influenciador de leituras, criando o pseudônimo Bookster para indicar livros em curtas resenhas publicadas na Internet.

Ao desfiar a importância do que leu para refletir sobre diferentes etapas de sua vida, Pedro deixa de lado considerações a respeito da estética para falar do quanto uma leitura teve importância em algum momento específico. O livro traz prazer, consolo, revelação, seja em um clássico, em uma peça de autoajuda

CRÍTICA / LIVROS



Fotos Divulgação



de Wigtown, tem um acervo de 100 mil volumes e compradores analisados cruamente pelo livreiro. Wigtown é uma book town, um conceito criado em 1988, quando a cidade gaulesa de Hays-on-Wyfe, promoveu seu primeiro festival, atraindo milhares de visitantes. As book towns são cidadezinhas com vários sebos e livrarias, com eventos que incentivam o turismo bibliófilo. Hoje, há festivais mundo afora, como no Brasil, desde a primeira Festa Literária de Paraty (Flip), no início dos anos 2000, que inspirou dezenas de outras localidades a criarem suas feiras de livros. Shaun Blythell organiza o festival em sua cidade.

Mais erudito, porém nada menos apaixonado por leitura era o editor italiano Roberto Calasso (1941-2021), que, em *Como organizar uma biblioteca* (Companhia das Letras, R\$ 36,90), passa da ordenação dos livros para a liberdade de manuseá-los, rabiscando e gravando impressões ao longo da leitura. Para Calasso, o bibliófilo que “nem sequer ousa cortar páginas para não lesar a integridade de um livro” é o contrário de um verdadeiro leitor”. O texto, originalmente um discurso de Calasso, trata do amor pela leitura salpicando observações deliciosas, como a inconveniência da obrigatoriedade de ler os livros em voga no momento. Para Calasso, o leitor verdadeiro “está sempre lendo um livro — ou dois ou três ou dez — e a novidade chega como um incômodo ... no interior daquela atividade ininterrupta

ou em um best-seller. A simplicidade e o tom sincero de suas resenhas lhe garantiram 450 mil seguidores no Instagram no perfil @book.ster.

Dissecar informalmente a alma do leitor é uma especialidade de Shaun Bythell, que desfia sua rotina por um ano em *O diário de um livreiro* (Principis, R\$ 53,60). Há duas décadas, ele comprou “a segunda maior livreria de livros de segunda mão da Escócia”. Não é um sebo qualquer. The Book Shop, na cidade

Fotos Divulgação

HQS para todos os gostos



Veja uma lista de gibis imperdíveis que movimentam as bancas e injetam fartas doses de cultura pop nos leitores

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Com a Bienal a mil, a presença da loja Comix no Riocentro e o estande da Panini no evento dão um gás extra à venda de gibis na cidade. Conheça uma série de títulos imperdíveis para ler no feriado.

SGT. ROCK VS. O EXÉRCITO DOS MORTOS: Muso do diretor Sam Raimi desde “Uma Noite Alucinante: A Morte do Demônio” (1981), o ator Bruce Campbell assina o roteiro desta minissérie eletrizante em que a Companhia Moleza, o time mais famoso de heróis

da II Guerra dos quadrinhos, encara uma horda de zumbis nazistas. A arte estonteante é de Eduardo Risso.

SUPERGIRL: A MULHER DO AMANHÃ: Graças à arte exuberante da desenhista Bilquis Evely, esta minissérie compilada aqui num só volume fez sucesso de venda nos EUA e concorreu ao Prêmio Eisner, o Oscar das HQs. Sua protagonista, Kara Zor-El, passou por muitas aventuras épicas ao longo dos anos, mas hoje acredita estar sem propósito. Para onde vá, as pessoas só a veem como prima do Superman. Até que tudo muda, quando uma garota alienígena a

procura para uma missão de vingança contra os vilões que exterminaram seu planeta. Agora, uma kryptoniana, um cachorro e uma criança com o coração partido partem para o espaço em uma jornada que mudará suas vidas para sempre. O roteiro é do aclamado Tom King.

BENDITA CURA, de Mário César: A Nova Conrad marca um golaço em prol da luta contra a homofobia ao lançar este álbum gráfico. Seu protagonista, Acácio do Nascimento teve uma infância dura, pois, quando garoto, preferia brincar de boneca a jogar futebol. O bambolê lhe interessava mais que carrinhos e pistolas de caubói. Assustados com a possibilidade de seu filho ser homossexual, seus pais o submetem a diversos “tratamentos” para que se torne um menino normal como os demais. A dor dele nesses esforços de conversão rende um estudo sobre a resiliência queer.



MATER MORBI - DYLAN DOG GRAPHIC NOVEL 4: A Mythos Editora transcende seu capricho habitual no tratamento gráfico que dá ao material importado da Sergio Bonelli Editore neste álbum escrito por Roberto Recchioni que traz uma das mais sofisticadas experiências visuais do desenhista Massimo Carnevale. É ele quem ilustra esta imersão do Detetive do Pesadelo pelas veredas do (des) amor. Levado com urgência ao

hospital devido a um mal-estar súbito, Dylan Dog encara um calvário sem fim na doença que o tortura e o consome dia após dia, sem que ninguém possa fazer nada para salvá-lo. A única saída parece ser a de enfrentar a criatura que o está matando.

BLUEBERRY: AMARGURA APACHE: A editora HQueria traz ao Brasil esta releitura do clássico da BD (Banda Desenhada) francesa ambientado no Oeste americano e criado há 60 anos por Jean-Michel Charlier e Moebius. Christophe Blain e Joann Sfar são a equipe artística por trás da volta do Tenente Blueberry, que patrulha os arredores de uma reserva indígena, buscando eliminar os ataques racistas àquela população. Mas ao ficar sabendo o homicídio de duas mulheres daquela comunidade assassinadas por três jovens brancos, ele corre atrás de justiça.

A SALA DE AULA QUE DERRETEU, de Junji Ito: Encarado como o mais prolífico representante do terror nos mangás, as HQs japonesas, Junji Ito volta a assombrar o público brasileiro com a história de dois irmãos que, numa aliança com o Demônio, promovem a corrosão física das pessoas com quem se relacionam, derretendo peles e músculos. A edição feita pela Pipocas & Nanquim valoriza a maestria do quadrinista sobre o preto e branco.

ENTREVISTA / SIRLÉA ALEIXO, ATRIZ

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

A adaptação do romance “Furacão”, do premiado autor e dramaturgo francês Laurent Gaudé, pelo grupo Amok Teatro trata as desigualdades que mesmo um fenômeno da natureza é capaz de apontar, causa um impacto na plateia. Esse impacto tem nome e sobrenome: a atriz Sirléa Aleixo.

Seu desempenho de uma negra americana de quase 100 anos, com um andar lento evidente das sofrências de sua vida, sua voz, sua interpretação, suas dores físicas e da alma nos mostram a presença de uma entidade.

Com exclusividade ao Correio da Manhã, Sirléa discorre sobre sua carreira e relação com o teatro.

Como você encontrou o teatro?

Sirléa Aleixo: Eu sou moradora do Jacarezinho há 48 anos, desde que nasci. Minha filha mais velha, Thelissiane, e tinha que fazer uma inscrição no Instituto Nacional do Teatro, ela tinha 15 anos na época, e eu tinha que ir para ela ser de menor. E chegando lá, as pessoas diziam ‘ué, não, você não é? Nossa, mas você é tão solta, tem uma energia tão boa, uma luz. Se parece pessoa de teatro. Na hora, pensei, se fizer inscrição, e vou conseguir ver a minha filha fazer o teste. Pensando nisso, eu me inscrevi e entrei para poder ver minha filha. Ricardo Andrade Vassilevich, o diretor do Instituto do Nossa Senhora do Teatro, perguntou o que é o teatro para mim. Respondi: ‘vim trazer a minha filha e disseram que eu tenho uma luz, que eu tenho algo especial e que eu sirvo para o teatro, eu acabei fazendo inscrição. Eu nunca fui de teatro. Disseram que eu sou uma pedra preciosa para o teatro, se eu realmente sou isso, então que vocês me lapidem e que me transformem numa estrela. Foi engraçado, todos riram, eu também ri. Aí começou a minha jornada. A minha história interessante com o teatro é que eu não me identificava como negra. Eu costumava dizer que eu só era uma negra no mundo e que hoje eu sou a negra no mundo.

Como foi o processo de transformar um mulher jovem de 48 anos em uma pessoa de quase cem anos, com todas as características físicas?

Dentro desse processo reverbera mui-

‘Eu sou a negra do teatro’

Sabrina Paz/Divulgação



Sirléa Aleixo tem uma atuação arrebatadora em ‘Furacão’ ao interpretar um idosa americana de 100 anos, mais que o dobro de sua idade

to os exercícios feitos na oficina do Amok Teatro, que é sobre esse corpo vivo, sabe, sobre essa coisa ritual, e também sobre uma busca de como envelhecer. Eu acho que esse corpo traz não somente formas,

formas feitas de gestos de pessoas idosas, mas ele traz uma história também. Então, foi um processo. Trabalhoso, nada difícil, é trabalhoso. Trabalhoso para quê? Não para fazer um gesto, porque fazer um gesto

é fácil, mas para chegar na organicidade, na verdade, daquele gesto, sabe? E a Ana (Teixeira) e o Stefani (Brodt) fazem um trabalho bem primoroso. São bem delicados nesse aspecto e bem exigentes também. Quando eles falam não, não está verdadeiro, então não bastam gestos, entendeu? Não é somente um gesto. Eles também falam que não é sobre eu fazer o gesto, mas o que esses gestos são. O que esse gesto faz comigo, o que faz de mim, sabe, o que eu quero comunicar com esse gesto. É sobre isso. E é isso. E o resultado é bem gostoso quando dá tudo certo.

A obra “Furacão” trata de como o racismo é também ambiental. Como você se situa nesse contexto?

Em relação ao racismo ambiental, tanto no Brasil como nos Estados Unidos, é a tristeza das pessoas segregadas que são afetadas diretamente pela falta de políticas públicas para resolver esses fenômenos da natureza que fogem do nosso alcance. É o descaso. Mas de onde vem essa raiz. Eu moro aqui na Jacarezinho, há 48 anos, desde que nasci, cresci vivendo isso. Eu vivo isso a cada ano, a cada dia, o descaso, a falta de pautas de políticas públicas aqui para dentro da nossa comunidade, coisas que a gente sabe que vai acontecer e que ninguém faz nada, porque a gente está jogada a armo. A gente está no descaso. Não precisa ser o rico, mas qualquer classe mais favorecida do que o pobre daqui da comunidade. Na favela da Zona Sul a realidade é um pouco melhor do que da favela daqui, da Zona Norte. Então eu vivo isso a cada dia. E não posso dizer um evento que me indignou. Eu posso te dizer que vou me indignar todos os anos com o descaso do governo, com o descaso do país, com o descaso de quem for da política contra a nossa comunidade.

E viver com teatro?

Eu não vivo sem um teatro, sabe? E mostrar essa dureza em “Furacão” é mostrar que meu povo na Zona Norte que vive a cada dia a realidade dessa história contada. A cada dia enfrenta um furacão que devasta de alguma forma nossos corpos e mentes. Nem sempre com nomes de mulheres, mas com nomes de pessoas pretas. Então, espero levar para eles força, esperança de um mundo melhor, de um mundo diferente. E para aqueles que estão cansados, para aqueles que só caminham sem sentido nenhum, espero que traga sentido também de vida, sabe? Razão para estar de pé.

CRÍTICA / TEATRO / ANTES QUE SEJA TARDE

Pérolas cultivadas

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Fabrício Carpinejar, o poeta gaúcho, escreve palavras lindas em guardanapos de papel. O texto e o suporte podem ser, aparentemente, temporários, descartáveis. Mas a forma, o estilo, o modo de ver a vida é como isso se encadeia fazem de Fabrício mais do que um pescador de pérolas. Artesão paciente, é cultivador. Pacientemente induz a pérola, perfeita, dentro do molusco. Cuide dos pais antes que seja tarde, publicado em 2018, trata dos sentimentos cotidianos, aparentemente passageiros e, na

verdade, definitivos: as relações com os pais, com os avós, com a família. É do que se sente nessa jornada que Vânia Brito idealiza o solo “Antes Que Seja Tarde”.

O cenário de José Dias conta com dois elementos, uma cadeira alta, preta, giratória e uma mala de outrora, carcomida, aberta, com muitos livros, papéis que não se identificam. Exatamente o que acontece durante os preciosos 50 minutos. Vânia é mais do que uma contadora. Próxima, conversa com a plateia enquanto narra episódios, sem temporalidade linear, que misturam as lembranças da infância, os hábitos da família, o fortíssimo laço com a Nonna e o Nonno. Ao mesmo



Guga Melgar/Divulgação

Vânia conversa com a plateia enquanto narra episódios sem temporalidade linear

tempo transforma a possível escrita de si em um diálogo pois nos puxa, com pequenas expressões, para nossa inclusão no palco.

Vânia passeia pelo palco, pe-

las idades, pelos momentos, por um texto em que a presença da mãe paira sobre tudo. Essa mãe não é uma e nem é única. Como diria Mário de Andrade a mãe é

trezentos. Aquela que briga, que sacode, que ensina, mas que se torna frágil com a idade e o passar do tempo. Essa doce construção encontra na interpretação de Vania, sob a direção de Delson Antunes, uma coincidência na modulação das palavras, nos gestos, na largueza dos braços e na contenção das mãos, sempre nos momentos corretos. Vania consegue exprimir com delicadeza o que ultrapassa, transformando em mar de almirante e em céu de brigadeiro, as tempestades e resacas das dificuldades do amor entre pais e filhos.

SERVIÇO

ANTES QUE SEJA TARDE

Teatro Cândido Mendes
(Rua Joana Angélica, 63 - Ipanema)

Até 28/9, às quartas e quintas-feiras (20h)

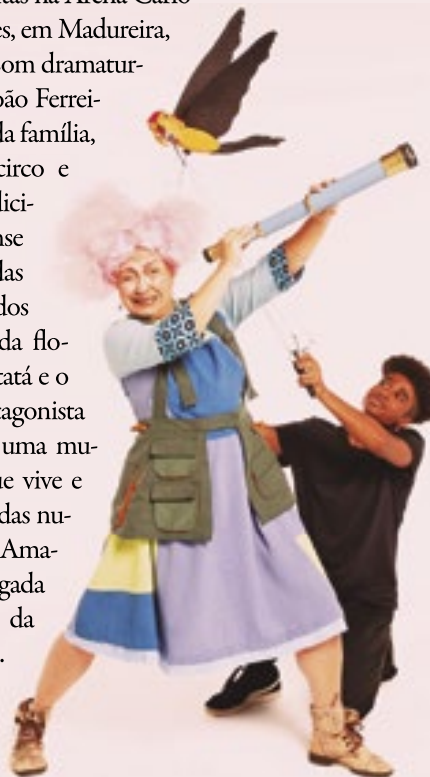
Ingressos: R\$ 60,00 e R\$ 30 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Em dose dupla

Nesta terça-feira (12) o infantil “Fábrica de Nuvem” terá duas sessões gratuitas na Arena Carioca Fernando Torres, em Madureira, às 10h e às 14h. Com dramaturgia e direção de João Ferreira, a peça, para toda família, usa técnicas de circo e teatro utiliza a ludicidade, a arte circense e o imaginário das histórias e lendas dos seres encantados da floresta, como o Boitatá e o Uirapuru. A protagonista é Dona Purinha, uma mulher encantada que vive e trabalha em cima das nuvens, na Floresta Amazônica, encarregada da manutenção e da criação das nuvens.



Leandro Portella/Divulgação



Série ao vivo no palco

Inspirado nos seriados de comédia “Friends” e “Sai de Baixo”, o projeto “Agora vai!” estará no Teatro Miguel Falabella, no Norte Shopping, neste sábado e domingo (9 e 10), às 20h. A peça tem uma proposta inovadora de espetáculos diferentes, com o mesmo núcleo de personagens. Idealizada por Alina Lyra e Hellen Suque e dirigida por Alice Demier, a série acompanha quatro pessoas que se veem “obrigadas” a alugar quartos no apartamento de um herdeiro que está com os bens bloqueados, em Copacabana. Nesta semana, o episódio será “A Noiva Neurótica”.

Silvi Ojeda/Divulgação



Tempo de mistério

No espetáculo “Venturo” dois personagens enigmáticos se encontram em um local indeterminado. Desprovidos de memória, eles se deparam com objetos surpreendentes e desconhecidos, como canos, esferas, rodas e brinquedos, aparentemente vistos pela primeira vez. O grande desafio é compreender se são convidados ou estão em perigo, enquanto tentam desvendar o funcionamento de uma estranha máquina que os cerca. Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539). Quinta a sábado, às 19h; domingo, às 18h. Ingresso a R\$ 15 (meia). Até o dia 24.



Grupo Devoar estreia nova temporada do seu poético espetáculo de acrobacias aéreas 'Vestidas de Vento' no Teatro da Caixa - Nelson Rodrigues.

Mover-se com destreza tanto no solo quanto no ar é a expertise técnica do Grupo Devoar, fundado por Mariana Medina, que desde 2013 oferece aulas de acrobacia aérea em sua sede em Botafogo. Nesta semana, a trupe voadora encena o espetáculo "Vestidas de Vento" no Teatro da Caixa - Nelson Rodrigues.

"Vestidas de Vento" tem como eixo central o circo contemporâneo e retorna aos palcos com incentivo da Prefeitura do Rio de Janeiro e da Secretaria Municipal de Cultura, por meio do Programa de Fomento à Cultura Carioca (Foca) e da Caixa Cultural.

Nesta apresentação a idealizadora do Devoar reúne seis acrobatas mulheres - Amanda Pontes, Ana Cecília Menescal, Julia Sève, Lua Couto, Maju Houri e Vitória Studart - que se expressam com a linguagem do circo contemporâneo trazendo à tona a visão artística de Mariana, que também assume a direção da obra.

Para além dos limites da virtuosidade tradicional circense, o grupo investe na composição estética do espetáculo e evoca a imagem de um corpo para além do vestido, corpos em

devir.

Num cenário repleto de folhas secas o público é convocado de maneira sensível a refletir essas questões que guiam o desenvolvimento da performance, resultando em uma experiência que transcende a simples exibição de habilidades físicas. Em vez disso, "Vestidas de Vento" mergulha fundo na exploração das subjetividades, ora direcionando o olhar do espectador para dispositivos que, como códigos sociais, moldam corpos femininos, ora para encontros que produzem vento e liberdade.

Esta montagem marca a estreia do grupo e ganhou vida pela primeira vez, em 2019 no Solar de Botafogo, quando teve a circulação interrompida por conta da pandemia do coronavírus. "Nesse hiato o mundo se modificou, então essa temporada contempla tanto a apresentação de um novo aparelho, quanto a transformação pelo tempo dos corpos e das vísceras (matéria-prima no nosso labor), dos pensamentos e modos de vida" destaca Mariana.

A narrativa do espetáculo faz uso de tecidos, trapézios, lira e corda lisa que dialogam com outros elementos na composição cênica. "Sabe aquela sensação de vento no rosto...vento na nuca...vento dentro.... não o enxergamos, mas o sentimos.... Em Vestidas de Vento, o elemento que compõe nosso título guia a atmosfera do espetáculo, sobretudo porque se estabelece muito mais na dimensão do sensível, do que do inteligível", observa a diretora.

SERVIÇO

VESTIDAS DE VENTO

Teatro da Caixa - Nelson Rodrigues (Av. República do Paraguai, 230 - Centro)
Até 10/9, sexta e sábado (19h) e domingo (18h) | Ingresso: R\$ 20

As acrobatas Amanda Pontes, Ana Cecília Menescal, Julia Sève, Lua Couto, Maju Houri e Vitória Studart de valem de técnicas circenses no espetáculo 'Vestidas de Vento'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Responsável por fazer o Homem-Aranha dos anos 2020 (Tom Holland) falar português na tela grande, o ator Wirley Contai-fer, de Duque de Caxias, mobilizou fãs em todo o Rio de Janeiro e arrasou uma multidão para o UCI New York City Center, na Barra no sábado passado, a fim de promover uma reverência a um grupo de meninas e meninas que emprestam as vozes ao longa animado “As Tartarugas Ninja – Caos Mutante”. Victor Hugo Fernandes, Rodrigo Ribeiro, Arthur Carneiro e Enzo Dannemann dublam os quelônios caratecas e Any Gabrielly cede o gogó à repórter April O’Neill.

Foi uma festa comovente que exaltou o apoio da rede UCI à formação de plateia, a boa curadoria da Paramount, mas, em especial, a luta de uma classe de artistas alvo de toda a sorte de violência moral neste país.

Dublar é padecer no paraíso da excelência, da alfabetização audiovisual do Brasil, mas, também é sofrer preconceitos e falta de respeito profissional. Recentemente, filmes com Liam Neeson (“A Chamada”) e Jason Statham (o fenômeno “Mega-Tubarão 2”), atores tradicionalmente dublados pelo paulista Armando Tiraboschi, foram confiados a outras vozes, o que gerou ruído, apesar do talento desses substitutos.

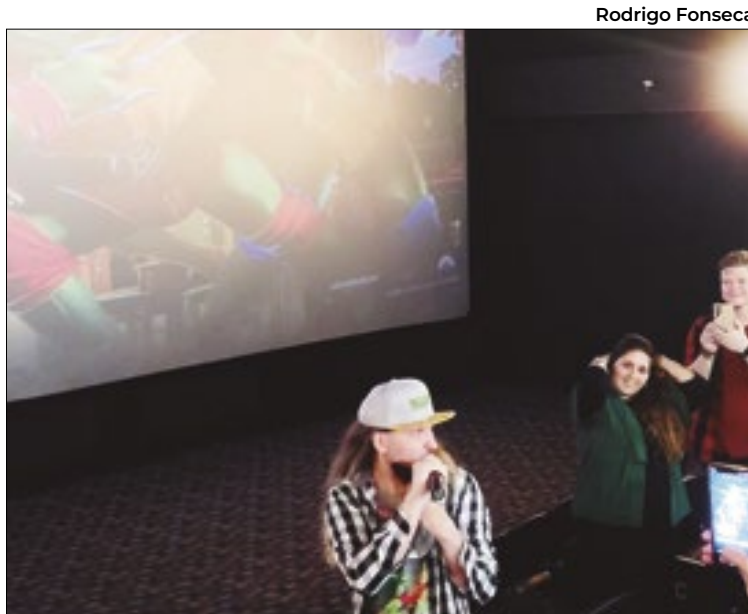
Uma grita se deu na web com a notícia de que Hélio Ribeiro não foi chamado para dublar Robert De Niro (seu “boneco” há três décadas) por conta de um teste, no qual Guilherme Lopes ficou eleito o dublador do astro em “Assassinos da Lua das Flores”. Usa-se o termo “boneco” para a relação de recorrência entre dubladoras e dubladores com atores e atrizes estrangeiros. Guilherme fez um trabalho esplendoroso este ano como Russell Crowe em “O Exorcista do Papa” e, pelo que se nota costumeiramente, seu trabalho é notável. O que está em questão aqui não é seu talento, mas, sim, a desconexão de Hélio com De Niro, o que representa uma traição histórica para com os espectadores que apreciam



Hélio Ribeiro, voz oficial de Robert De Niro no país, foi substituído em ‘Assassinos da Lua das Flores’

Versão brasileira: resiliência

Atropelada pelo preconceito, a falta de reconhecimento, troca de vozes e a destruição de acervos, a dublagem nacional se afirma como arte resistindo como pode



Wirley Contai-fer (de boné) celebra a força da dublagem nacional em evento no UCI

Rodrigo Fonseca

destacado, sua realização representa o apagamento de um trabalho que primava pela excelência. O mesmo vale para a redublagem da franquia “Rambo”, quando André Filho (gênio do setor, morto em 1997) teve seu falar tirado dos lábios de Sylvester Stallone. Redublar é o mesmo que alguém resolver mudar as tintas de um quadro de Cândido Portinari por acreditar que as pinceladas dele não se adequa aos princípios do olhar dos dias atuais. A absurda redublagem de “Karate Kid” (1984) apaga o legado de Magalhães Graça e de Cleonir dos Santos. É imperdoável esse dismantelo de uma atividade que nos deu tanto.

Desde 1938, quando Dalva de Oliveira emprestou sua aveludada garganta ao filme “Branca de Neve”, gerações e gerações do nosso povo devem a ampliação de seu repertório vocabular, se não sua alfabetização, à dublagem. A partir das chamadas feitas por Ricardo Mariano, no bordão “Versão Brasileira: Herbert Richers”, o Brasil em peso aprendeu termos que, por vezes, não faziam parte das cartilhas escolares. Termos enriquecidos pela melopeia de atrizes e atores de talento. Divas de Hollywood e de estúdios europeus e asiáticos notabilizaram-se em nosso imaginário sintonizadas aos gogós de Miriam Ficher, Carmen Sheila, Marta Volpiani, Ilka Pinheiro, Cecília Lemes, Súmara Louise, Angela Bonatti e Monica Rossi. Estúdios como a BKS, Peri Filmes do Brasil e Gota Mágica viraram um lar para nossos tímpanos.

Desde janeiro de 1996, quando “Toy Story” estreou por aqui, Marco Ribeiro e Guilherme Briggs serviram de babás a crianças de todo o país, como as vozes do xerife Woody e do astronauta Buzz Lightyear. Alexandre Moreno fez a gente perceber quão talentoso Adam Sandler é e nos deu mil e uma manhas amorosas adaptando os diálogos de “Como Se Fosse a Primeira Vez” pro carioquês.

Na dublagem, a educação sentimental desta pátria vestiu o traje tropicalista da brasilidade, num banho de loja de autoestima e autoafirmação. Mas, apesar de tudo isso, a arte de dublar é uma das manifestações culturais mais castigadas pela ignorância.

(ou necessitam da dublagem. Inclua aí nesse balaio a inexplicável escalção de Marcelo Pissardini (também competente) para dar voz a Harrison Ford em “Indiana Jones e a Relíquia do Destino”. Esqueceram-se de que, pro Brasil, Guilherme Briggs e Garcia Júnior são os titulares de Ford. Em 2022, a vergonhosa dublagem inicial série “Tulsa King”, que colocou um ator incompatível com o vozeirão de Stallone, sem considerar a longa adesão de Luiz Feier Motta ao astro, foi um exemplo disso.

Existe ainda outro perigo, chamado “redublagem”, a opção de certos estúdios (quase sempre sob a demandas de TVs ou plataformas de streaming) em substituir versões que se tornaram clássicas por novos elencos. Essa opção mercadológica fez com que a antológica dublagem de “Os Embalos de Sábado à Noite” (1977) - na qual Mario Jorge dava provas de ser um dos mais talentosos atores que esta nação já conheceu - fosse substituída por uma releitura que não se destacou nos tímpanos da gente. E, mesmo que tivesse se

ENTREVISTA / GABRIEL GODOY, ATOR

‘No Brasil muitas vezes somos colocados em gavetas’

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Convite ao sucesso comercial para o cinema brasileiro, “Tire 5 Cartas” traz em seu elenco um ator prolífico, que, de novela em novela, de série em série, de filme em filme, constrói um riquíssimo patrimônio simbólico de personagens: Gabriel Godoy.

Escalado para o elenco do thriller “O Sequestro do Voo 375”, que será a atração de encerramento do Festival do Rio 2023 (agendado de 5 a 15 de outubro), Godoy atraiu holofotes com “Os 3” (2011) e engatou uma série de projetos na TV.

Gravita bem do riso ao drama, passando também por outros exercícios de gênero, como a distopia, vide o recente “Fluxo”. Seu ferramental cênico é plural e sua habilidade de traduzir angústias por meio de silêncios é singular. Na entrevista a seguir, ele explica como constrói sua persona evitando engessamentos e rotulações.

Em 2011, seu talento chamou a atenção da crítica, nas telas do Festival de Paulínia, com o filme “Os 3”. O que mudou na sua carreira desde então, sem que o cinema se descolasse do seu dia a dia? O que essa leva de novos filmes e séries te traz de mais desafiador e de mais enriquecedor?

Gabriel Godoy: “Os 3” é um marco na minha carreira pois foi o primeiro filme que fiz como protagonista, e ainda tive com um time de peso do nosso cinema como: Nando Olival, Ricardo Della Rosa, Daniel Rezende, Wellington Pingo, Thiago Dottori e tantos outros. Fui muito bem iniciado, mas o “engraçado” é que o meu segundo filme foi somente em 2017, ou seja, seis anos depois. Essa é uma carreira muito sem lógica e estranha. Não é só sobre ter talento. Realmente precisa ter muita paciência, estômago e paixão. Eu fui entendendo que não posso depender apenas do lado ator, mas também produzir as minhas coisas. Hoje estou com minha produtora, o Núcleo Criativo



Divulgação

Prelúdio, ao lado do ator e produtor Pablo Sanábio e do diretor e roteirista Vinicius Vasconcelos, e isso faz com que estejamos sempre em movimento. Parados nunca. Temos mais de 13 projetos na nossa cartela entre séries e longas e estamos em processo de venda para produtoras e players. Mas, muita coisa mudou, pois, a partir de 2017. Comecei a ter mais oportunidades no mercado e quanto mais exercemos nosso ofício melhor ficamos. A gente vai ganhando confiança e maturidade. Hoje, com quase 40 anos, minha

busca tem sido por papéis mais desafiadores e protagonistas, tomando sempre cuidado para não ficar rotulado como comediante, pois tenho muita vontade de ser desafiado em diversos gêneros. Penso também que a chegada dos streamings gerou mais oportunidades para quem estava fora da Globo, sem contrato longo. Foi justamente nesse momento que protagonizei “Desjuntados”, na Amazon. Fiz duas temporadas de “Homens?”, no Comedy Central. Fiz série na Sony, Fox e em outras platafor-

mas. Porém agora o mercado deu outra reviravolta e mudou novamente. Com a Globo trabalhando por obra com grande parte do seu elenco faz com que o mercado novamente fique mais competitivo, pois todos os atores podem agora estar na TV aberta e streamings. Sinto que estamos em uma eterna transição e por isso precisamos ficar atentos para gerar nossas próprias oportunidades.

Neste momento em que se fala tanto de streaming, as séries e filmes para plataformas exigem um formato de trabalho diferente? Como? Qual é a rota que você tem construído envolvendo o streaming?

Penso que, com esse boom de séries que tivemos nos últimos cinco anos, as produções de séries começaram a ter quase um ritmo de novela. Planos de filmagens apertados e muita correria. Por isso, gosto tanto de fazer novela pois te deixa com uma prontidão para tudo. Lembro quando comecei a gravar a série “O Negócio”, na HBO, em 2013, e o ritmo era de cinema. Poucas cenas por dia e tudo com muita calma. Difícil encontrar esse ritmo hoje em dia.

Qual é o perfil cômico que você busca em “Tire 5 Cartas” ao lado de estrelas veteranas como Lília Cabral e Stepan Nercessian?

Em “Tire 5 Cartas” eu literalmente faço uma dupla de clown com o Allan Sousa Lima. Uma dupla de palhaço onde um “bate e

o outro apanha”, inspirado em “O Gordo e o Magro”, “Três Patetas”, Chaplin e tantos outros. Eu amo fazer comédia, mas é muito desafiador sempre. Precisa de ritmo, precisão, timing e principalmente uma boa dupla. O jogo cênico é uma delícia, ainda mais quando você tem bons parceiros que gostam de ser desafiados na comédia. Eu adorei ver o resultado em “Tire 5 Cartas”. O elenco é espetacular e a minha dupla com a Lília Cabral, Allan e a Mathy Lemos super funcionou.

Que cuidados, que sonhos, que disciplina um ator deve ter para fazer carreira hoje no país?

Penso que para ser ator no nosso país tem que ser apaixonado pelo ofício do artista e não pelo glamour que essa profissão possa trazer. É importante entender que ser artista não é estar na TV ou nos palcos. É sobre uma postura e uma responsabilidade social e política também. Também entender que cada um tem uma trajetória. Nunca se comparar ou ficar olhando a “grama do vizinho”. Construir a sua carreira com seus ideais e com o que você acredita. Não ligar para os julgamentos que vão existir. Sinto que no Brasil muitas vezes somos colocados em gavetas: o comediante, o ator cult, o ator de musical. Isso é uma pena, pois não conseguem olhar para o todo. Estudamos artes cênicas justamente para sermos artistas multi. Lá fora um ator que faz comédia sempre é desafiado no drama. Aqui preciso ficar atento para não me enxergarem somente de uma forma. Por isso acho muito importante ter um planejamento, uma estratégia de carreira também. Mas mesmo assim é um mercado sem lógica. Hoje em dia, temos influenciadores, cantores, não atores como concorrentes... e faz parte. Sinto também que nosso mercado escolhe o ator/atriz da moda e esses não param de emendar um trabalho no outro, sem intervalo e sem descanso de imagem. Às vezes, esquecem que temos milhões de artistas espalhados pelo nosso país. E o que um artista precisa é de: oportunidade.

Divulgação



Harrison Ford vive Deckard, um rastreador de replicantes numa Los Angeles futurista e sombria em 'Blade Runner'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Preparando-se pra lançar “Napoleão”, com Joaquin Phoenix no papel central, em novembro, o inglês Ridley Scott provou ao cinema que o futuro não é mais como era antigamente em 1982, quando lançou “Blade Runner: O Caçador de Androides”, trazendo Harrison Ford como protagonista. A produção de US\$ 30 milhões teve como base a prosa do americano Philip K. Dick (1928-1982) em “Do Androids Dream of Electric Sheep?”, de 1968.

É uma trama sci-fi, sobre máquinas que acreditam ser gente e gente que age (e sente) como se fosse máquina. Scott dá a esse enredo uma abordagem de thriller noir, no qual tudo é ambíguo, a começar pela essência existencialista do vilão, Roy Batty, papel mais consagrado do ator holandês Rutger Hauer (1944-2019).

Replicante e eterno

Estação NET Botafogo projeta na madrugada deste sábado um marco sci-fi da cultura pop: ‘Blade Runner’, de Ridley Scott

Divulgação



O holandês Rutger Hauer, morto em 2019, encarna Roy Batt, um vilão com dilemas existencialistas

Não por acaso o filme será a exibido às 23h59, pelo Estação NET Botafogo neste sábado na grade de uma retrospectiva repleta de detetives, femme fatales, becos esfumados e mistério.

Com uma bilheteria estimada em US\$ 41 milhões à época de sua estreia (pouco para a forte expectativa da Warner Bros.), “Blade Runner” celebrizou uma estética conhecida como cyberpunk, mas carrega em seu visual e na conceituação de sua dramaturgia ecos do gênero celebrizado pelo Estação na Mostra Noir. É um caso de Neo Noir futurista. Caso que virou cult. Concorreu a dois Oscars, o que ampliou seu prestígio, indicado às estatuetas de Melhor Direção de Arte e Efeitos Visuais. As filmagens foram realizadas em locações na Califórnia e nos Estúdios Shepperton, na Inglaterra.

Ford vive Deckard, um rastreador cuja tarefa é perseguir e eliminar os integrantes de uma população de costrutos robóticos de feições humanas chamados de Replicantes. Há uma gangue deles na ativa na Los Angeles do século XXI, que parece saída de um episódio do desenho “Os Jetsons”. Batty é o mais perigoso deles.

Dedicado hoje às filmagens de “Gladiador 2”, com Pedro Pascal, Denzel Washington e Paul Mescal, Scott rodou “Blade Runner” à luz do fenômeno que foi seu longa anterior, “Alien, O 8. Passageiro” (1979). Não teve o mesmo êxito de público, mas emplacou um ensaio lírico sobre a existência que marcou a ficção científica, embalado na trilha sonora do grego Vangelis (1943-2022).

Em 2017, o diretor produziu uma sequência tardia do filme, “Blade Runner 2049”, com Ford e Ryan Gosling. A direção foi de Denis Villeneuve

Neste sábado, às 23h59, o Estação Botafogo vai projetar “OldBoy” (2004), de Park Chan-Wook, na mostra Noir.

CRÍTICA / CINEMA / A FREIRA 2

Terror pancadão

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Não sobra uma unha não roída de “A Freira 2” (“The Nun II”), nova produção do Rei Midas do assombro James Wan (“Jogos Mortais”), capaz de gerar um calafrio por minuto ao longo de 1h50 de pavor que começa brilhantemente a mantém seu ritmo “trincado” até o fim, sem uma derrapadinha sequer.

Cada aparição de Valak, o demônio vestido num hábito católico, gera um tipo de desconforto que gela o ventre, mas satisfaz a alma cinéfila.

Sua montagem, pilotada por Gregory Plotkin, decola e não aterrissa, num voo eletrizante, com turbulência eficaz. Consegue ser mais tenso do que o primeiro longa-metragem dessa franquia, de 2018, orçado em US\$ 22 milhões, e consagrado como sucesso à força de US\$ 365 milhões.

A direção de Michael Chaves não tem muita identidade, decalcando todo o conceito sombrio imposto por Wan em “Invocação do Mal” partes I e II (2013 e 2016), onde a tal Freira surgiu, mas é competente, viva. Para



Divulgação

‘A Freira 2’ é um derivado de ‘Invocação do Mal’

além disso, Valak peita a metástase simbólica dos novos tempos.

Entre as múltiplas contraindicações provocadas pelo patrulhamento da correção política no audiovisual, sobretudo na seara dos

filmes de gênero, uma das reações adversas mais graves é a hipótese de que o “jump scare” seria um dispositivo redutor da inteligência no cinema de terror.

O termo se refere àquela sensação de so-

bressalto que temos, num “Sexta-Feira 13” qualquer da vida, quando Jason salta diante de suas vítimas, quando menos se espera - ou quando a trilha sonora planta a impressão de algo perigoso por vir -, tirando toda a plateia do prumo, gerando gritos e saltos na poltrona. Esse foi, durante anos a fio, o “benefício básico” do horror como produto, ou seja, aquilo que leva espectadores a pagarem ingresso para prestigiar o filão. Mas como esse atrativo envolve reações físicas... quase fisiológicas... na recepção, ele passou a ser visto como algo retrógrado, manipulador. Com isso, narrativas horríficas foram sendo esterilizadas, indo pro papo e não para a ação.

Eis que surge “A Freira 2” para nos redimir dessa cantilena castradora. Sem pudor algum de ser frenético, o filme de Chaves é um espetáculo gráfico tenso e sanguinolento que peca apenas pela falta de esmero em sua fotografia. Anjo caído, Valak volta a se manifestar na França pós II Guerra, atrás de uma relíquia sacra. Suas manifestações levam o Vaticano a acionar a Irmã Irene (Taissa Farmiga), adversária do demo no longa anterior, que aqui, firma-se como heroína empoderada, tendo a noviça Debra (Storm Reid, ótima), como dinâmica. Dá medo! E como!

CINESTREAMING

POR RODRIGO FONSECA



Gotham City



Entre Mulheres



Temporada



Avenida

Divulgação

INSIDE LLEWYN DAVIS: BALADA DE UM HOMEM COMUM (2013), de Joel e Ethan Coen: Filme que rendeu à dupla realizadora de “ Fargo” (1996) o Grande Prêmio do Júri de Cannes. Oscar Isaac vive um dublê de Bob Dylan que enfrenta mil percalços para fazer de sua música um sucesso. O gato Ulisses será um de seus dissabores nesta jornada. O gênio da música T Bone Burnett assina a trilha sonora. Onde ver: MUBI

GOTHAM CITY 1889: UM CONTO DO BATMAN (2018), de Sam Liu: É um primor a releitura animada que a Warner fez da HQ homônima de 1989, escrita por Brian Augustyn e desenhada genialmente por Mike Mignola, com cores de P. Craig Russell. No filme, como no gibi, Jack o Estripador vai assombrar a cidade-natal do Homem-Morcego, que ganhou a voz de Bruce Greenwood nos EUA. Onde ver: HBO Max

ENTRE MULHERES (2022), de Sarah Polley: Ganhador do Oscar de Melhor Roteiro Adaptado, esta releitura do livro homônimo de Miriam Toews acompanha a luta das habitantes de uma comunidade religiosa para reagirem a crimes sexuais cometidos pelos homens da região. A trama é baseada em fatos ocorridos na Bolívia. A compositora islandesa Hildur Guðnadóttir assina a trilha sonora. Onde ver: Amazon Prime

TEMPORADA (2018), de André Novais Oliveira: Revelado ao mundo no Festival de Locarno, este painel de reinvenções afetivas no cotidiano das Gerais virou uma espécie de estandarte do novíssimo cinema mineiro, que tem na produtora Filmes de Plástico um de seus polos mais exuberantes. Grace Passô ganhou o troféu Candango de Melhor Atriz por seu desempenho no longa, como a agente de saúde Juliana. Onde ver: Netflix

AVENIDA (2014), de Dito Montiel: Um dos derradeiros trabalhos de Robin Williams (1951-2014), este sufocante drama sobre autoaceitação foi dirigido pelo realizador do cult “ Santos e Demônios” (2006), arrancando do finado astro (mais) uma memorável atuação. Williams (dublado por César Marchetti) vive o bancário Nolan Mack, cuja vida regida por aparências cai por terra depois de se encantar por um michê. Onde ver: Paramount+

Mulheres d'África

Exposição de Andréa Brêtas traz imagens que exploram o feminino no continente negro

Fotos Andréa Brêtas



A fotógrafa e artista plástica Andréa Brêtas apresenta a partir deste sábado (9), na B.afka Galleria, a exposição “África no Feminino” em que apresenta 12 fotos de mulheres africanas, da Namíbia, em preto e branco.

Seu objetivo é chamar a atenção para os olhares captados pelas suas lentes, traduzindo uma diversidade de vida e valores, bem como as cores da vida que saem do esconderijo da alma e se atiram aos cliques. A curadoria é de Georgia Nolasco.

A mostra, explica a fotógrafa, enfatiza a necessidade de conscientizar sobre a importância da mulher e, em especial da mulher africana, imprimindo em suas fotos toda essa cultura ancestral, o brilho das contas e dos olhares, seus ensinamentos silenciosos através de brincadeiras e sorrisos, crianças, cores em preto e branco. Uma África feminina, no feminino, que confirma o que diz Andréa Brêtas: “E nós? A nós, cabe provar que nascer mulher vale a pena.”

A mostra não traz cores porque tem o objetivo de provocar reações e conexões com o observador, mas traz visivelmente o respeito do olhar de Andréa Brêtas na escolha de temas de impacto e importância sócio-cultural. Então, através das fotos, da diferença de olhares, as pessoas vão notar as expressões das mulheres e, certamente, vão se dei-



xar tomar por emoções diversas.

“A África é conhecida pela sua pluralidade étnica e cultural. Isso sempre me fascinou. Pisar no continente africano sempre foi um dos meus maiores sonhos. Países incríveis, diversidade, possibilidades de inúmeras experiências, enfim, não haveria hipótese para essa viagem não acontecer”, destaca Andréa Brêtas.

O enfrentamento às múltiplas formas de violência contra as mulheres é fundamental para que haja condições mais dignas e justas, lutando pela erradicação, respeito e igualdade. E esse é o objetivo de Andréa - imprimir em fotos toda essa cultura ancestral, o brilho das contas e dos olhares, seus ensinamentos silenciosos através de brincadeiras e sorrisos, crianças, cores em preto e branco.

As fotos da exposição podem ser adquiridas e doadas, caso de interesse da pessoa, para espaços como o Museu da História e Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB), Instituto Pretos Novos e outros que tenham interesse em conservar a tradição afro e ancestral em seu acervo.

SERVIÇO

ÁFRICA NO FEMININO

B.afka Galleria (Fábrica Bhering - 2º andar - Rua Orestes, 28 - Santo Cristo)
DE 9/9 A 11/11, de quinta a sábado (12h às 18h) | Entrada franca



Shiso



Mitsubá

Tomás Rangel/Divulgação

Fotos Divulgação



San Omakase

Foto Landau



Kitchen Asian Food

Tomás Rangel/Divulgação



Minimok

Eu confio em você

Crescem as opções de omakase nos restaurantes japoneses cariocas

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants_to_love)** Especial para o Correio da Manhã

Você sabe o que significa “omakase”? Traduzindo a expressão japonesa ao pé da letra, ela quer dizer “eu confio em você”. Nos restaurantes japoneses, trata-se da degustação do chef, menus em que os pratos mudam de acordo com os ingredientes e o processo criativo do chef. Literalmente um menu as cegas, em que o comensal confia nas escolhas e nos insumos determinados pelo chef e não se importa em sair da sua zona de conforto, com o propósito de degustar novos sabores e texturas. E você, está preparado para a experiência “omakase”? Se a resposta for sim, confira abaixo a seleção de casas que oferecem esse menu, que o Correio da Manhã fez para você:

Selmy Yassuda/Divulgação



Casa Ueda

sob o comando de André Nobuyuki Kawai, é totalmente dedicado a experiência “omakase”. Com um balcão com capacidade para apenas oito pessoas, o menu é servido em 15 etapas seguindo a linha cultural nipônica.

Casa Ueda – Quem for ao recém-inaugurado restaurante do chef Eric Ueda, em Botafogo, poderá vivenciar a experiência “omakase” (a partir de R\$ 400). Degustado no balcão do chef, Eric decide o que preparar no momento do serviço, conforme interage com os comensais. Ele preza por utilizar os insumos mais frescos do dia para garantir a melhor performance dos pratos. Após checar as restrições dos clientes - alergia ou intolerância, inicia-se o passeio. Completamente diferente de um menu degustação com número de atos e peças previamente definidos. É necessário reserva prévia. Rua Hans Staden, 10 – Botafogo. Tel: (21) 96633-4907.

San Omakase – Inaugurado há pouco tempo no Leblon, o restaurante, que está

ta R\$ 930. Rua Conde Berdanote, 26 – Leblon. Tel: (21) 3094-5066.

Kitchen Asian Food – Comandado pelo itamae Nao Hara, a casa oferece o menu “Oriente-se”, uma experiência gastronômica com a proposta de levar ao comensal os hits da casa criados por ele e pelo chef Pierre Landry, selecionados à dedo em versões menores. O passeio pela culinária asiática contemporânea proposta pelo chef passeia por clássicos com receitas quentes e frias. A experiência pode ser pedida em cinco (R\$ 155) ou sete sequências (R\$ 210), com entradas, principais e sobremesa. O menu é disponível de segunda-feira a sexta-feira, durante todo o horário de funcionamento. Av. Infante Dom Henrique, s/nº – Glória. Tel: (21) 4042-6161.

Minimok – O restaurante japonês, com unidades do Leblon e Ipanema, oferece o menu Omakase (R\$ 148 – 12 peças). Na experiência, os sushis são servidos um a um, priorizando a temperatura do arroz, o corte dos pescados, o shoyu na quantidade certa e temperado com katsuobushi (flocos de bonito seco e defumado) e consumido dispensando hashis, comendo com as mãos. As peças oferecidas variam de acordo com a pesca do dia. É necessário reserva prévia. Rua Vinícius de Moraes, 121 - Loja C – Ipanema. Tel: (21) 2523-7026 ou Rua Dias Ferreira, 116 - Loja D – Leblon. Tel: (21) 2511-1476.

Mitsubá – O tradicional restaurante japonês, localizado no Rio Design Leblon, também oferece a experiência “omakase” (R\$ 360). Ela acontece no balcão da casa e traz preparos simples, com sofisticação e sabores surpreendentes. São oito etapas entre pratos frios, quentes e sobremesa. O grande diferencial é a variedade de peixes, que vai muito além do atum e salmão. Figuram nomes como Carapeba, Cavala, Pargo, Pirauna, Xerelete e Perna de Moça, que podem ser preparados em diferentes versões. É necessário reserva prévia. Avenida Ataulfo de Paiva, 270 – Leblon. Tel: (21) 2264-1232.

Shiso – O restaurante japonês, localizado dentro do hotel Grand Hyatt, na Barra, oferece para o comensal a experiência “omakase” (R\$ 385). Com seis etapas, o menu disponibiliza uma gastronomia que enaltece a culinária japonesa em sua essência. Cada prato é cuidadosamente preparado, combinando tradição e inovação na medida certa. Av. Lúcio Costa, 9600 – Barra da Tijuca. Tel: (21) 3797-9523.